



A ESCUTA PSICANALÍTICA DE ADOLESCENTES EM GRUPOS TERAPÊUTICOS

ADADA, Karina Adada.
SOUZA, Cristiano De.

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir a escuta psicanalítica e algumas de suas implicações nos grupos terapêuticos realizados com adolescentes. O método utilizado foi o de pesquisa bibliográfica. Foram reunidas literaturas acerca do fundamento da clínica psicanalítica com o foco no conceito da escuta, grupos terapêuticos e desafios e importância da escuta psicanalítica com adolescentes. A partir das obras utilizadas, conclui-se que a escuta psicanalítica em grupos de adolescentes com adolescente se configura como uma prática desafiadora para o analista, requerendo sensibilidade e flexibilidade, uma vez que as demandas desta fase são complexas. Um dos maiores desafios, e ponto extremamente importante no grupo terapêutico é a adesão desse adolescente e o cuidado para que a escuta seja acolhedora, aberta a discussões, acolhendo demandas e proporcionando conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, Adolescência, Grupo terapêutico, Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A aplicação da psicanálise no campo social e institucional é um tema muito abordado por escritores e estudiosos da abordagem criada por Freud, trazendo a reflexão sobre a aplicabilidade da técnica fora do contexto clínico.

A psicanálise é constantemente convocada a pensar e refletir sobre as questões sociais vistas na sociedade, em um importante texto, O mal estar da civilização, Freud (1930), onde explana aponta que indivíduos são organizados em civilização, ou seja grupos, assim regulamentando suas convivências interpessoais.

Freud em 1921 no seu texto Psicologia das massas e análise do Eu, investigou uma questão que sempre o inquietou, o que mantém coesa uma massa de pessoas? Ele discorre que os indivíduos, ao se agregarem, necessitavam de um líder de forma análoga e inconsciente à necessidade de uma criança de um pai, podendo assim se observar uma das primeiras análises da psicanálise nos grupos.

Ainda que não tenha uma origem como na clínica, o trabalho de grupo se tornou uma prática frequente em diversos campos onde a psicanálise opera: como



¹instituições, áreas da saúde, educação entre outras possibilidades em que a psicanálise se vincula na sua aplicação.

Por fim, através de uma revisão teórica acerca da escuta psicanalítica e o manejo grupal com adolescentes, busca-se elucidar como se dá o trabalho do analista nos grupos terapêuticos psicanalítica e na escuta do sujeito adolescente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ESCUTA PSICANALÍTICA

O nascimento da escuta psicanalítica foi criada por Freud (1912), o criador da psicanálise, ele apresentou um texto direcionado a médicos que exercem a psicanálise e nele fez algumas recomendações fundamentais. É neste texto que a noção de escuta aparece mais didática e claramente ligada à ideia de atenção flutuante. Segundo Sigmund Freud, é preciso que suspendamos nossa atenção e não nos detenhamos em nenhum ponto específico da fala do paciente, para que assim, de alguma forma, possamos ficar atentos a tudo que nos é dito. A regra freudiana de associação livre pressupõe que o paciente fale livremente o que lhe vier à cabeça e também não selecione conteúdos intencionais para falar ao analista. Para que isso ocorra, os analistas precisam se desprender das influências conscientes e deixar a atenção suspensa, sem se fixar a um ponto qualquer.

Sem a atenção flutuante o analista pode depositar suas expectativas e inclinações, prejudicando ou falsificando nossas percepções (FREUD, 1912). Pode-se determinar a regra técnica à qual o psicanalista não deve privilegiar na sua escuta, nenhum elemento em particular do discurso do analisando (CHEMAMA, 1995).

A noção de escuta encontra-se vinculada ao conceito de inconsciente e na medida em que a associação livre se estabelece para a investigação das próprias formações inconscientes. Os sonhos, por exemplo, são considerados importantes formações do inconsciente e, em análise, podem ser trabalhados por meio dos relatos dos pacientes, que os levam a buscar um sentido oculto pelo seu inconsciente. Assim, os sonhos não são interpretáveis apenas pelo conteúdo manifesto mas existem

¹ Acadêmica de psicologia do Centro Universitário FAG

² Psicólogo especialista em Psicanálise. Docente do Centro universitário FAG



significados latentes e é na análise que são investigados. Freud (1912), ao ser interrogado sobre como alguém poderia se tornar analista, respondeu que é pela análise dos próprios sonhos, uma vez que para esta análise é imprescindível que a pessoa esteja num processo analítico.

Freud (1895/1996) desenvolveu sua teoria a partir do contato com as suas pacientes histéricas, que o interrompeu e pediu que ele parasse de falar e a escutasse. O escutar implica um deslocamento da posição narcísica, do lugar de mestre e de poder sobre o outro. O psicanalista precisa dar atenção à singularidade do sujeito, estar atento ao que ouve e ter curiosidade em sua escuta, como nos diz Lacan (1979). A atenção e a curiosidade levam-no a intervir nos momentos mais inesperados, que podem revelar algo novo, algo que impulse o paciente a pensar de forma diferente da que vinha pensando, que possa suspender suas verdades e que seja capaz de surpreendê-lo.

Freud discorre sobre os primeiros atendimentos como "tratamento de ensaio", enfatizando que as entrevistas preliminares são uma condição absoluta para iniciar uma análise psicanalítica (QUINET, 1991). Esse momento preliminar, ou provisório, é o período de vincular o sujeito ao analista (função transferencial) e ao seu lugar de paciente no tratamento (diagnóstico estrutural). O período de ensaio é o próprio início da psicanálise e faz-se necessário seguir suas recomendações (FREUD, 1912).

Autores sugerem que as entrevistas preliminares não devem ser prolongadas devido à intensa ansiedade que podem gerar no indivíduo (GASTAUD, 2008).

2.2 ADOLESCÊNCIA

Conceitualizando o termo adolescente em que de modo geral considera-se uma das fases do desenvolvimento que abrange três níveis de maturação e desenvolvimento: primeiro termo é puberdade ou atualmente ainda a pré-adolescência, período dos 12 aos 14 anos, depois a adolescência propriamente dita, que vai dos 15 aos 17 anos e complementa Zimmerman (2004), a adolescência tardia que abrange a idade dos 18 aos 21 anos.



A adolescência não é considerada uma categoria apenas biológica, explana Papalia e Martorell (2022), ela pode ser uma construção social, já que nas culturas tradicionais e pré – modernas as crianças entravam na vida adulta quando estavam prontas fisicamente ou quando aprendiam uma profissão. Para Aberastury (1981), a adolescência é a entrada na vida adulta, que pode ser tão temida mas ao mesmo tempo tão desejada, é uma etapa de desprendimento que se iniciou no nascimento e adjunto as transformações corporais e psicológicas levam a uma mudança na relação com os genitores, pais ou cuidadores e com o mundo. Este período é marcado por intensas transformações em todos os âmbitos da subjetividade - físico, psíquico e social, logo, pode-se dizer que o adolescente experiencia diversas perdas simbólicas, envolvendo uma redefinição de sua identidade, uma resignificação de si, de seus papéis e a forma como se vê e vê o mundo ao seu redor, o que exige muitos recursos psíquicos do jovem (AYUB, 2009).

Ayub e Macedo (2011) discutem sobre os motivos que levam um adolescente receber atendimento psicológico, seja em clínica ou em grupos terapêuticos e que podem se originar de uma demanda do próprio sujeito ou terem como origem uma necessidade do contexto social, expressando de alguma forma uma preocupação ou queixa no que diz respeito à conduta do jovem.

No que direciona a atenção para com o adolescente, é de relevância entender as diversas representações que o permeiam, sua cultura, relações sociais e familiares e contexto social, pois as diferentes maneiras de pensar e agir pressupõe formas diferenciadas de interação, decorrendo ações que se formam na subjetividade. Assim, produzir cuidado coerente com as necessidades de saúde dos adolescentes possibilita entendê-los, naquilo que têm de único e singular, viabilizando um cuidado direcionado para as suas demandas, conforme cita Marques e Queiroz (2012).

2.3 GRUPO TERAPÊUTICO E A ESCUTA PSICANALÍTICA

Para a psicanálise o grupo é compreendido pelo que Freud (1921) no texto A psicologia das massas e análise do eu em que a transformação dos ideais em um ideal coletivo que geralmente é personificado por uma figura de liderança.



A aprendizagem que é o foco no processo grupal psicanalítico coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, na medida em que aprendemos a partir da relação com os outros (BASTO, 2010). A técnica de grupo operativo descrito por Pichon-Rivière (1988), considera que em um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos naquele grupo. Aprender em grupo significa uma leitura crítica da realidade, uma atitude investigadora, uma abertura para as dúvidas e para as novas inquietações.

Para Pichon-Rivière (2009), grupo é um conjunto restrito de pessoas, unidas entre si em um determinado período e espaço e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe a estar voltada em uma tarefa que é sua finalidade. Os participantes assumem papéis de forma dinâmica, permitindo posicionamentos diferentes e reflexões críticas perante as situações colocadas.

Portanto, nos grupos possibilita facilitar o processo de aprendizagem para que os adolescentes aprendam uns com os outros, ampliando sua leitura de mundo, estimulando sua autonomia e protagonismo para que possam conhecer seus desafios e buscar as mudanças necessárias para suas vidas e assim, assumir uma adaptação ativa da realidade com responsabilidade (BASTOS, 2010).

Frente a uma situação de conflito trazida pelos adolescentes, era possível gerar questionamentos para os demais: "Alguém já passou por uma vivência parecida?". "O que vocês fariam no lugar do colega?" e perguntas a fim fortalecer vínculos e empatia entre os pacientes como aponta Ziegelmann (2003), deixando de lado o estereótipo de dependência dos modelos de saúde que reduzissem os sujeitos a categorias diagnósticas, mas tomando formas de vivência e do os processos de composição de si como construções coletivas.

Segundo Marurana e Varela (1997), o grupo funciona como dispositivo para o desenvolvimento de duas características básicas do viver: a potência de criação de si, conseguir enxergar suas capacidades e dificuldades, medos e sonhos como também a verificar a sua capacidade de autonomia, produzindo a aumento progressivo das potências criativas, de desenvolvimento social, lidar com conflitos e de autonomia na busca de novas composições para si e para sua vida.



2.4 ESCUTA PSICANALÍTICA DO ADOLESCENTE

Os conhecimentos técnicos da psicanálise podem ser um importante instrumento para compreensão e interação dadas as singularidades das vivências e das angústias psíquicas adolescentes, portanto a experiência grupal do adolescente no se mostra como uma possibilidade do sujeito, por meio de um outro com uma escuta qualificada e de dimensão ética, a construção e a atribuição de sentido para as queixas ali instaurada, afirma Ayub (2009).

De acordo com Rassial (1999), o trabalho do analista com o adolescente ultrapassa uma dimensão simbólica em que a adolescência é um momento do trabalho de luto e demanda da 'compreensão dos adultos', o analista deve, desde o início da cura, aceitar que um dia vai tarde ser rejeitado pelo adolescente.

Naturalmente o adolescente busca pela separação gradual da família e redireciona para o grupo de pares, surgindo assim relações interpessoais cada vez mais aprofundadas fora do contexto exclusivamente familiar, mediante a aproximação com iguais ou mesmo outros adultos significativos (BUENO ET AL, 2010). Essa aproximação e interesse do adolescente por grupo pode colaborar para o processo de desenvolvimento do grupo.

Rassial (1999) ainda complementa, o adolescente também pode colocar o analista em posição de não compreensão, dirigir-se a ele como um adulto que nada compreende, típico da adolescência rejeitar a figura adulta.

A escuta psicanalítica, como discorrido anteriormente, busca destacar a singularidade do sujeito e que também precisa estar atenta ao desejo inconsciente que está sendo explanado. Pode se dizer que a singularidade é aquilo que é único de cada sujeito e não pertence a mais ninguém, isso porque diz respeito a algo que foi se construindo e continua a se construir no desenvolvimento de cada adolescente (BASTOS, 2009).

Complementando ainda, a técnica analítica permite que o adolescente seja ouvido na sua subjetividade considerando a sua vivência e história não somente



focando em tratar um sintoma ou uma queixa exclusiva, portanto, gerando a possibilidade de compreensão e acolhimento diante do sofrimento apresentado (VITÓRIA ET AL, 2019).

3. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ressaltando para Pichon-Rivière (1988), saúde mental e aprendizagem são sinônimos na medida em que há uma apropriação ativa da realidade que integra uma experiência nova e proporciona autoconhecimento. Neste sentido, a técnica de grupos operativos, e os pressupostos que a subsidiam, auxiliam o analista no sentido de desenvolver um papel facilitador no grupo terapêutico e a intervenção em grupos em direção à promoção de saúde e, conseqüentemente, às possibilidades de mudança de seus integrantes diante das respectivas dificuldades e conflitos, corrobora Bastos (2010).

Diante da revisão dos estudos da literatura, é possível verificar que o período da adolescência é marcado por intensas mudanças em todos os âmbitos da vida do adolescente, desde o físico, ao psíquico e o social. Assim, como sinalizado por Ayub (2009), ele passa por um processo de redefinição de si e de como percebe o mundo ao seu redor, o que exige muitos recursos psíquicos, resultando em muita angústia e muitos conflitos, internos e externos. Assim a psicoterapia grupal ou o grupo terapêutico se configura como um importante instrumento para a compreensão de si e uma passagem mais tranquila, dentro do possível, por este período de grandes mudanças.

O grupo como uma grande fonte de potencial, como técnica da psicologia, para que no processo o sujeito se questione sua posição subjetiva em relação ao outro e ao meio inserido, e conseqüentemente reformule ou apenas proporcione reflexões sobre questões abordadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida em que a intervenção psicanalítica se instaura nos processo grupal, ela visa a atribuir sentido ao sofrimento do adolescente e a viabilizar desdobramentos



saudáveis nas mais diversas esferas de sua vida, o processo terapêutico grupal é um campo privilegiado de qualificação do processo de autoconhecimento.

Também vale ressaltar também a importância de não se excluir a subjetividade de cada um, afinal por mais características que eles possam ter em comum uns com os outros, cada um tem sua história e sua realidade, é importante abrir espaço para que eles se sintam confortáveis e para que eles possam se colocar e se expressar, afinal é a partir do da compreensão da forma como esses adolescentes pensam que é possível elaborar propostas de intervenção que gerem resultados positivos.

O momento do grupo terapêutico é um momento para desenvolver um espaço seguro de escuta, que só é possível a partir de um vínculo de confiança e segurança dos adolescentes, escuta essas que se embasa de uma postura acolhedora, livre dos estigmas para compreender as realidades distintas que estão ali.

Os grupos, como outras técnicas da psicologia clínica, não podem ser consideradas nem melhores, nem piores que a análise individual, cada uma exerce um trabalho e a escolha depende da disponibilidade e aceitação de cada sujeito.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.. **Adolescência normal**. Trad. de Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981.

AYUB, R. C. P. **O olhar de psicanalistas que escutam a adolescência: singularidades da clínica atual**. 2009. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

AYUB, R. C. P; MACEDO, M. M. K. **A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2011, 31 (3), 582-601. Disponível em: <<https://www.scielo.br>> Acesso em: 14 de set de 2023.

BASTOS, A. B. B. Izique. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. Psicol inf. (2010). Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 set. 2023.

BUENO, C. DE O.; STRELHOW, M. R. W.; CÂMARA, S. G.. **Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes**. Psico-USF, v. 15, n. 3, p. 311-320, set. 2010.

CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre. Ed. Artes Médicas Sul, 1995.



FREUD, S. **O mal-estar na civilização (1930)**. In: FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930 – 1936). Obras completas volume 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1921/2011.

FREUD, S. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria**. In: _____. FREUD, S. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.

FREUD, S. **Recomendações aos médicos que exercem psicanálise**. In: _____. Coleção completa das obras de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.
GASTAUD, M. B. **A ENTREVISTA CLÍNICA PSICANALÍTICA**. PUCRS – Brasil, 2008. Disponível em:
<http://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/A_entrevista_em_Psicanalise.pdf>. Acesso em: 11 de set de 2023.

MARQUES, J. F.; QUEIROZ, M. V. O. **Cuidado ao adolescente na atenção básica: necessidades dos usuários e sua relação com o serviço**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 33, n. 3, p. 65–72, set. 2012.

MATURANA, H.; VARELA, E. **De máquina a seres vivos: autopoiese - a organização do ser vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

PAPALIA, D.E., MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, ed. 2022.

PICHON-RIVIÈRE, E.(2009). **O Processo grupal** (8a ed). São Paulo: Martins Fontes

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

QUINET, A. **As 4+1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Rassial, J.-J. (1999). **O adolescente e o psicanalista**(L. M. F. Bernardino, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.

VITÓRIA ET AL. **A contribuição da psicanálise na escuta do adolescente em conflito com a lei**. 2019. Disponível em: <Doctum.edu.br>, Acesso em: 09 out 2023.

ZIMERMAN, D. E. **Manual de técnica psicanalítica: uma revisão**. Porto Alegre, 2004.

ZIEGELMANN, L. **Vidas em movimento: como viver num mundo assim**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2003.